



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

PERCURSOS AFETIVOS: NARRAÇÕES GEOARTÍSTICAS DE CORPOS PEDALANTES

AFFECTIVE ROUTES: GEOARTISTIC NARRATIONS OF CYCLIST BODIES

(Recebido em 29-12-2023; Aceito em: 26-07-2024)

Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, Brasil
caducinelli@gmail.com

Hugo Alves Cruz

Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade do Porto
Departamento de Artes Cénicas, Universidade de Évora, Évora, Portugal
hugoalvescruz@gmail.com

Resumo:

As relações entre arte e geografia têm sido motivo de alguns debates e pontos de interesse numa retomada pelo viés artístico que este campo de conhecimento possa ter. O texto se debruça sobre alguns dos pontos em debate nessas relações e tensões promovidas por eles. Para aprofundar parte das questões levantadas, os autores trazem algumas das experiências promovidas pelo projeto artístico Percursos Afetivos. Tal projeto desenvolve performances de narração de histórias itinerante com bicicletas, e o debate gerado pelos autores está sobre a compreensão do uso desta prática artística como um dispositivo para as relações entre geografia e arte, num jogo do fazer artístico com o fazer geográfico. Ao expor os processos de criação do projeto artístico, também são expostos os caminhos e cruzamentos desse jogo que tensiona, ao mesmo tempo, que provoca e integra os fazeres dos diferentes campos de atuação. O texto debate sobre o fazer geográfico com arte, o quanto que a prática artística também é a pesquisa em si, e a possibilidade de incorporar e encarnar a partir da escala do corpo nessa feitura.

Palavras-chave: Narração de histórias; Bicicletas; Corpo; Geoarte.

Abstract:

The relations between art and geography have been the subject of some debates and points of interest in a resumption of the artistic bias that this field of knowledge may have. The text focuses on some of the points under debate in these relations and the tensions promoted by them. To deepen part of the issues raised, the authors bring some of the experiences promoted by the artistic project Affective Routes. This project develops itinerant storytelling performances with bicycles, and the debate generated by the authors is about the understanding of the use of this artistic practice as a device for the relations between geography and art, in a game of artistic making with geographical making. By exposing the processes of creation of the artistic project, the paths and intersections of this game are also exposed, which tensions,

at the same time, that provokes and integrates the doings of the different fields of action. The text discusses the geographical making with art, how much artistic practice is also research itself, and the possibility of incorporating and incarnating from the scale of the body in this making.

Keywords: *Storytelling; Bikes; Body; Geoart.*

Geografias com, nas, pelas Artes

As relações entre Arte e Geografia ganharam evidência nas últimas décadas, devido ao aumento dos estudos relacionados à Geografia Cultural ou mesmo pela Geografia Humanista e Cultural. O crescente interesse das pesquisas e estudos em torno das relações entre esses dois campos de conhecimento, também se devem aos constantes intercâmbios entre eles e o caráter interdisciplinar que algumas das investigações acadêmicas assumiram. Algumas autoras e autores apontam que esse crescente interesse, em certa medida, tem uma conotação de “retomada” da Geografia como um campo de conhecimento que como ciência, também é filosofia e arte, como apontado por Holzer (2008). O autor reflete que a crise conflagrada pelo excessivo cientificismo e o afastamento de um olhar humanista para a Geografia, corroborada pela binariedade entre uma Geografia “física” e outra “humana”, afastaram do caráter multifacetado das origens da geografia, datada no romantismo.

Ressaltada a devida problematização ao falar disso, que, encarnado num dos seus precursores Alexander Humboldt, que além das investigações morfológicas e topográficas, tratava suas incursões exploratórias no cruzamento de seus conhecimentos, saberes e habilidades em Botânica, Desenho, Matemática, Filosofia e Literatura, que se relacionavam para uma compreensão expandida do mundo. Seus diários e exposições do conhecimento eram e são excelentes exemplos de aspectos dessa relação entre uma geografia com arte e filosofia. Dardel (2015) no capítulo destinado a uma historiografia, também aponta para esses aspectos primordiais e basilares dos estudos geográficos ao trazer geografias míticas correlatas às cosmovisões, como também à outras geografias relacionadas às incursões das grandes navegações pelo mundo, em contraposição de geografias feitas apenas dentro de um gabinete ou escritório. Em sua historiografia, em manifesto a uma abertura a proposições filosóficas e artísticas para a Geografia, Dardel ao pensar as geografias (Mítica, Heróica, das Velas Desfraldadas e a Científica), faz um mergulho sobre os elementos da natureza (os espaços Aéreo, Aquático, Telúrico) e o espaço construído (2015) para poder compor com os imaginários, afetos e sensações uma leitura ontológica do estar e ser no mundo, com sua geograficidade.

Anterior a Dardel, já na década de 1920, Sauer (1998) faz as primeiras críticas que abrem alas, para que os autores anteriormente citados possam construir sendas para que outras geografias possam aparecer. Sauer em seus escritos reforça a ideia de que uma Geografia cindida entre dois lados antagônicos e modos restritos de fazê-la, caracteriza e fada para a restrição de um campo de

conhecimento ao seu fim. Sauer já trazia alguma luz para a crise de um campo de conhecimento, que serviu para fazer guerras, promover o colonialismo, porque armou com estratégia a expansão de impérios e estados nações, trazendo mananciais de estudos que pudessem consolidar invasões, expulsões e extermínios de grupos e populações. Sauer (1998), Dardel (2015), Holzer (2008), entre outros, ao enxergarem as problemáticas e crises da Geografia em sua binariedade, tecnificação e instrumentação (que também é importante, mas que não poderia ser apenas isso) a afastam de suas vermes primordiais: filosófica e artística.

Ao entender que em seus primórdios os estudos geográficos eram multidisciplinares, Cosgrove (2004) em seu célebre texto em que já diz em seu título que a Geografia está em festa, explicitando que ela está por toda parte, nos convida também a encarar que as saídas para essa crise, possa estar não só num amplo e diverso debate sobre as crises vividas, mas como também na maneira como essas outras geografias poderiam surgir, deslocando a perspectiva hegemônica sobre o fazer geográfico, para uma diversidade e inclusão do cotidiano, e da relevância dos aspectos do mundo vivido (LINDÓN, 2012). Wright (2014), de certa forma, de mãos dadas ao que Cosgrove coloca, alimenta o debate, imbuído de uma perspectiva dardeliana, para que esses outros fazeres geográficos possam, não só reproduzir métodos assegurados, sem desmerecer essa atitude ou mesmo negar um modo estabelecido há muitos anos, mas também encoraja para incorrer aos caminhos desconhecidos que um processo geográfico possa ter, assim como no pensamento filosófico e artístico.

Geografias, afetivas, emocionais, imaginárias, sensíveis e criativas

Aqui são feitos alguns recortes e apontamentos de alguns dos autores e autoras que ao longo de suas trajetórias, pensaram ou pensam sobre essas crises que o fazer geográfico tem sofrido. Se até agora, foram citados em sua maioria, autores do norte global, por outro lado, o grupo de estudos liderado por Alicia Lindón e Daniel Hernaux na UNAM (Universidade Autônoma do México), ao explicitarem questões dessa crise, mais do que encontrar uma solução, apontam saídas e questões ao debaterem sobre o campo subjetivo e imaginativo dentro do que consideram as Geografias Imaginárias (2012), abrindo precedente para a inclusão de uma grafia sobre a relação com o espaço – *geo grafia*, que possa estar sem uma cisão entre objetividade e subjetividade.

Esses estudos e investigações localizam, em certa medida, uma grande rede, que de alguma forma apontam para a presença das pesquisas, naquilo que vai se considerar uma parte da Geografia Cultural, com seus desdobramentos entre as últimas décadas do século XX e as duas primeiras décadas do século XXI, no que surge enquanto geosofia (WRIGHT, 2014), geografias sensíveis (PEREIRA, 2015), geografias emocionais (SILVA, 2019), geoarte e geografias criativas (HAWKINS, 2015) e (SOUZA

JÚNIOR, ALMEIDA, 2020), entre outras designações. Uma vez que as sendas se encontravam e se encontram abertas, estas se expandem em inúmeras ramificações de conexões entre campos de conhecimento, e também, com as linguagens artísticas.

Se por um lado esses debates profícuos se abrem para que possam ocorrer fazeres geográficos inter, multi e transdisciplinares, por outro lado surgem questões que nos remetem à: **tecnificação**, que é instrumentalizar o fazer artístico para alcançar um resultado, ou como meio para compreensão do fenômeno (OLMEDO, 2016), num hábito de colocar a atividade artística como um apêndice em detrimento do que se quer enquanto objetivo científico. Desta forma, perpetuando uma mediação de valor, ao diminuir o fazer e o processo criativo em favor de algo que se considera maior, ou de mais valor; numa **contraposição** entre um campo e outro como meios de análise, como se uma ciência pudesse se sobrepor a outro campo de conhecimento para poder estabelecer parâmetros, condições e categorias para leitura e interpretação destas. Por exemplo, como no caso de fazer apenas uma leitura geográfica **utilitarista** de obras literárias, como ilustrações, para explicar algo, como um conteúdo a mais, um anexo, para que possa ser agregado algum valor, ou mesmo, como um apêndice porque o conteúdo discursivo não dá conta, e se abraça de alguma forma, a outras formas de manifestação e expressão para que possa expandir e ampliar os sentidos do que se estava dizendo (OLMEDO, 2016). Não se aponta aqui essas questões em demérito, como se fossem um problema em si, ou como atitude reprováveis, e sim como hábitos de relação entre os campos de conhecimento e as linguagens, e que na ordem hegemônica do fazer acadêmico traçam o hábito para como já fazer uma pesquisa. O que restringe ao mero uso utilitarista dos processos criativos e artísticos a serviço do processo científico.

Ao trazer à tona essas questões (OLMEDO 2016), (HAWKINS, 2015), (SOUZA JÚNIOR, ALMEIDA, 2020) vislumbram em seus debates a coexistência de outros fazeres geográficos e que isso possa ocorrer sem o desequilíbrio entre os campos de conhecimento, ou mesmo imposição de uma forma hegemônica. Harriet Hawkins (2015) traz à tona que esse caminhar por essas geografias criativas, demandam criação, diálogos e aberturas para outros procedimentos que não são os tantos que já estão bem estabelecidos no campo acadêmico. Se estas autoras e autores se encontram na Geografia, estas mesmas se imbuem de outras práticas de pesquisa com as artes para que seus fazeres possam ganhar outros procedimentos metodológicos e epistemológicos (OLMEDO, 2016), (BONDI, DAVIDSON, SMITH, 2007). Tratar essas outras geografias insurgentes a partir das relações com outros campos de conhecimento e linguagens artísticas, se torna também, uma implicação por um tratamento em que se preza mais pelos processos e questões, tais como nos desenrolares criativos em arte, do que esperar um por um resultado apenas, como um produto final. O processo, se torna parte fundamental para o desenvolvimento da investigação. Em analogia se pode pensar como num processo de criação de um

espetáculo, onde os ensaios se tornam parte primordial para levantamento e construção da obra teatral. De certa forma, mesmo que o “resultado final” seja o espetáculo, ali se pode encontrar os rastros de uma trajetória processual criativa. O mesmo também poderia ser pensado com os processos artísticos em pesquisa.

“O corpo como espaço” e caminhos para outras geografias sensíveis

Para essas geógrafas e geógrafos a demanda de exposição dos caminhos metodológicos podem trazer para as investigações e práticas geoartísticas, não uma legitimação enquanto pesquisa acadêmica, mas uma forma de diálogo e prosseguimento de abertura de sendas que façam essas relações de formas mais criativas, diversas e plurais. Olmedo e Meikdjan (2016) ao tratarem seus estudos sobre as cartografias narrativas e sensíveis de mulheres islâmicas, refugiadas em Grenoble na França, explicitam que para além dos discursos produzidos a partir dos mapas bordados por elas, os mapas em si enquanto experiência artística, tinham sua potência de discurso em imagem em tecido e costura. Esses discursos falavam sobre a relação com o espaço dessas mulheres, de como esses corpos femininos, “corpos como espaço” (SILVA, 2022) produzem geografias distintas e contra hegemônicas, conectadas a outras espacialidades que estão fora do radar de uma visão extremamente estabelecida (masculina, branca, heteronormativa, judaico-cristã e do norte global). Essas mulheres, enquanto ‘corpos como espaços’ apresentam outros mundos vividos, outras geografias a partir das suas cartografias narrativas e sensíveis, e isso se dá por suas artes. Seus corpos cartografam suas geografias, não só pelas poucas palavras ditas, mas pelo gesto, pela manualidade habitual de um corpo que conhece o ato de bordar e costurar. Com esse conhecimento um gesto cartográfico sensível alcança o tecido para encarnar o tanto que não se consegue e é interditado para não ser dito. O silêncio das palavras vocalizadas é deslocado pelas imagens bordadas e costuradas, que exprimem narrativas a serem lidas, de forma expandida.

A cidade se torna, desta forma, um espaço a ser experienciado e reconhecido em sua potência como criador dessas diversas geografias que cabem em si, para além de uma única geografia catequizada por uma narrativização. Cabem outras, muitas e diversas narrativas quando se considera a escala da pessoa, dos “corpos como espaços”, porque assim os corpos compõem os muitos espaços dentro de um espaço. A virada epistemológica, sugerida por Lindón (2012), em resposta ao debate da crise da geografia contemporânea está na abertura às narrativas dos mundos vividos. E essas narrativas podem estar em proximidade às geografias produzidas em suas diversidades no cotidiano, nas inúmeras formas de fazer a vida. Por isso a convocação também à escala do corpo, da pessoa. E como dito anteriormente, isso se pode dar também através desses processos de geografias criativas e artísticas.

Percursos Afetivos e outras Geoartes a partir das experiências com as cidades e bicicletas

Posto isso, o texto segue para pensar um projeto artístico em específico, o Percursos Afetivos (CAMPOS, 2019), que se propõe a uma prática artística que alia a bicicleta com a narração artística (CÂNTIA, 2021) em relação aos espaços percorridos.

Antes de dissertar sobre esse projeto em específico, é importante contextualizar como alguns artistas e/ou cicloartistas vem desenvolvendo projetos que têm a bicicleta como eixo estrutural do processo criativo transdisciplinar. Serão citados, brevemente alguns exemplos: as intervenções artísticas feitas por David Byrne em Nova Iorque e São Francisco que estão relatadas no seu livro *Diário de Bicicleta* (2009); o festival ART BICI MOB que acontece em Curitiba há quinze edições e reúne cicloartistas e suas propostas artísticas; os cortejos feitos pelo artista peruano Jose Urteaga em Lima (Peru) e em Nantes (França) com bicicletas gigantes; o uso de bicicletas para transportar os Kamishibais (Teatro de Papel) no Japão no início do século XX e que se tornou uma técnica difundida pelo mundo; o circuito dos rios curitibanos feito pelo artista Newton Goto, o projeto de arte comunitária Laboratório Cívico de Inovação Cultural realizado pelo coletivo 4iS Plataforma para a Inovação Social na ciclovia entre as cidades de Famalicão e Póvoa no norte de Portugal (JORGE, PEREIRA & TOMAS, 2022); as ações performativas de Luciana Bastos com sua *Giro Artonwheels* na cidade do Porto; o festival de cinema Bicycle Film Festival que ocorre anualmente em Nova Iorque (EUA) e Amsterdam (Holanda) há vinte edições, as projeções em fachadas e muros de grafites animados pelo VJ Suave enquanto pedala pelas cidades. Todos esses projetos artísticos pensam de alguma forma a bicicleta para além de um mero veículo, modal ativo, e sim, como um dispositivo de criação para suas práticas na poética em que se propõe, seja ela o cinema, a literatura, as artes visuais, o teatro etc.

Dentro deste contexto e rede de realizações artísticas, surge a proposta do Percursos Afetivos (CAMPOS, 2020) que é uma proposta de narração artística (CÂNTIA & CHAGAS, 2021) que usa a bicicleta para percorrer pedalando junto com o público enquanto as histórias são contadas. As narrativas trazidas nas performances são criações de autoria própria que têm relação com aquelas geografias percorridas ao longo da performance, uma criação em *site-specific*. São histórias de pessoas, animais não humanos, de seres vegetais, dos edifícios, de ruas, em desvio às “narrativizações” oficiais, divulgadas pelo Estado ou como parte do legado nacional. Não são as histórias oficiais da cidade, do bairro ou de um ponto turístico que são narradas. Não. O propósito do projeto é que as histórias que ficam escondidas, silenciadas nos recantos e brechas da hegemonia, possam sair das sombras e ganhar voz e corpo. Mesmo que criadas essas histórias, mesmo sendo ficções, elas têm como base de inspiração as histórias do cotidiano, do ordinário, que por vezes, possam passar despercebidas ou não interessam às composições que enaltecem os opressores e silenciam a população oprimida.

O projeto iniciou em 2017 na cidade de Curitiba, onde já foram criados 8 percursos com suas próprias histórias e um nono que é uma modalidade de intervenção artística feita com o lançamento de dados em que as histórias (microcontos) são narrados de improviso ao longo do caminho. Além da capital paranaense, o projeto já foi apresentado nas cidades de Pinhais, Ponta Grossa e Cambará (PR), Itajaí (SC), Poços de Caldas (MG), Bodocó, Petrolina e Araripina (PE), Natal (RN), Lima (Peru), Los Silos – Tenerife (Espanha) e Porto (Portugal). Para cada localidade foram e são criadas histórias particulares, e específicas e que algumas vezes se cruzam porque alguns dos personagens acabam se deslocando e ganham desdobramentos dos seus fios narrativos em outras geografias. De alguma forma o projeto acaba cartografando não só os percursos em si, mas essas *geografias das histórias contadas* (CAMPOS e TORRES, 2020).

Geografia das histórias contadas e suas decorrências

O projeto vem pensando ao longo desse tempo, dentro de seu desenvolvimento, que se considera como uma prática artística que compreende a sua ação como um dispositivo. No sentido de trazer a ideia de um dispositivo como um ponto de encontro entre cruzamento de linguagens artísticas em relação com o público - aquelas pessoas que acompanham pedalando e escutando as histórias, assim como as pessoas que são transeuntes nos espaços públicos por onde atravessa a performance. O dispositivo coloca e demanda um *corpo em experiência* (FABIÃO, 2013) para aquela pessoa que “conduz” a performance narrativa, mas também conclama aquelas pessoas que ali estão para estar “em experiência”. A bicicleta se torna, neste caso um grande mediador, uma vez que ela dispara e provoca uma sensibilidade e atenção diferenciadas devido a sua necessidade para se estar com ela. A bicicleta, em comunhão como um mediador para a prática artística, pode ser também pensada como uma analogia da complexa Teoria dos Afetos de Spinoza (2018), como se, em experiência, ao sermos afetados e sofrermos as afecções, há a possibilidade da potência de agir, e essa ação ganha encarnação no desejo de mover-se pelo mundo em pedalar. Ao pedalar escutando as histórias, essas simples narrativas que fazem correlação com a ambiência ao redor a partir da sonoridade, do que se conforma como paisagem sonora (TORRES, 2014) evocada pela vocalização do narrador numa geografia das histórias contadas (CAMPOS e TORRES, 2020), entrelaçam essas relações espaço temporais (MASSEY, 2008). Estas em que o que é história e geografia não se dão mais de forma dicotômica e sim em relação, em alteridade, sendo paisagem-lugar ou lugar-paisagem (MARANDOLA, 2013) porque o espaço-tempo se dá a partir de uma experiência estética que reconfigura as relações sem uma hierarquização. A voz evocada pela pessoa que narra, que pode ser o contador de histórias ou mesmo alguém do público que é convidado a contar algo de sua vida provoca outras camadas de leitura daquele lugar. De alguma forma, todas e

todos são afetados. Não há como não lembrar do que Augustin Berque (2016) quando relata sobre o conceito de paisagem, que em sua perspectiva, é antecessor à origem europeia, provinda da China no século V d.C. Berque nos conta que a palavra *shanshui* traz consigo, no seu sentido, a ideia de paisagem, porque tem em si a relação afetiva com um espaço exterior a pessoa, uma ambiência a partir da sonoridade, representada por um poema.

A partir da experiência artística *in loco*, não seria essa também uma possibilidade de provocação e criação de outros espaços tempos? As *geografias das histórias contadas*, imbuídas das memórias individuais e coletivas, não estariam a criar possibilidades de mais e mais leituras expandidas sobre as realidades que nos circundam?

Elogios e filosofias da bicicleta

Parte significativa da experiência artística promovida pelo projeto Percursos Afetivos está calcado no uso da bicicleta, não só como um modal ou um meio de transporte, mas como um mediador das relações entre as histórias e as geografias em comunhão com quem conta. Marc Augé em seu livro *Elogio a bicicleta* (2009) comenta sobre este veículo, este modal ativo, a bicicleta, pelo fato de se estar em equilíbrio sobre um objeto que tem duas rodas fixadas a partir de um quadro, e ao parecer um grande desafio o torna tão fascinante. E o é. A presença de um selim, indica o lugar para se sentar, o guidão um grande guia de apoio para direcionar aonde se vai, e também, os pedais alinhavados a uma coroa que no jogo com a corrente faz a roda girar, imprimindo ritmo e velocidade. Há os freios que sempre são importantes de serem lembrados. Num elogio ao ato de pedalar poderia conclamar uma *filosofia da bicicleta* que possa mostrar a complexa arte do simples equilíbrio, assim como na vida. A bicicleta só se move se alguém pedalar, se alguém se mover. É pela própria energia que se faz o deslocamento. É pela própria vontade que se pedala. Se não se quer ir não se vai de bicicleta. Para pessoas com deficiência e especificidades, a bicicleta pode ser possibilidade de encontro com mais alguém que as leve na garupa, num riquixá, ou mesmo sentadas num outro selim, como nas bicicletas tandem. Há também uma demanda pelo equilíbrio que não se dá de forma estática, romantizada, idílica. Não, de forma alguma. O equilíbrio se dá em movimento. Parada, sem o apoio dos pés, a bicicleta cai carregando, inevitavelmente, o peso da pessoa que estava nela ao chão. Parada a bicicleta urge que a ciclista coloque seus pés no chão. Se houver uma queda? Do chão não se passa, mas também ao chão se machuca, e isto pode ser perigoso. Há uma demanda pelo movimento para se manter em equilíbrio. Os olhos sempre abertos, mas nem muito para fora e nem muito para dentro. O olhar atento e sensível para a vida. Uma distração pode tirar a vida ou provocar um acidente. Pedalar pode ser lido também como um processo de meditação que coloca em estado alterado de consciência e sensibilidade. Alterado no sentido de trazer

mais atenção. O corpo exposto numa velocidade promovida pela própria propulsão, diferente da velocidade de um caminhar, faz com que os poros estejam mais abertos, os sentidos mais alertas e a percepção disponível para jogo com o mundo. O sentimento de ludicidade com o mundo que se apresenta, de querer desbravar e conhecer, ou mesmo de reconhecer os medos e os limites. Até onde se pode ir? Com bicicleta se pode voltar atrás. Freios sempre que necessários como forma de cuidado.

Pedalar com o corpo exposto, estar em exposição de peito aberto, nos riscos das intempéries do tempo, de fechada que pode receber de um carro, do buzinaço de um ônibus, da necessidade de comunicação através de sinais e gestos com outros motoristas, tudo isso traz um corpo em constante atenção e negociação com o mundo na sua tentativa de sobrevivência e reivindicação do direito à cidade (NAKAMORI, 2016).

Essa mesma maquinária que é meio de transporte, modal ativo, é veículo de transformações e convívios sociais, porque gera rede de socialização entre pessoas e animais não humanos. Ciclistas se cumprimentam no caminho, costumam se ajudar em situações de vulnerabilidade, pedalam em conjunto para serem mais fortes, interrompem trânsito para fazer bicicletadas. Cachorros e gatos em cestinhas ou mochilas são carregados por tutores ciclistas. Crianças conquistam seus espaços e autonomia motora porque iniciam desde a mais tenra infância o hábito de pedalar. Pessoas idosas que seguem pedalando, voluntários que levam pessoas com deficiência em suas bicicletas de dois selins, grupos de apoio que ensinam pessoas adultas a pedalar. E claro, quanto mais e mais há a presença de pessoas pedalando na cidade, mais e mais as necessidades e problemas vão surgindo, o que é normal dentro das dinâmicas sociais. No entanto, se deve ter como meta de política pública e do corpo social a gestão desses problemas afim de saná-los, como o caso de estabelecer regras e condições públicas para que possam todas as pessoas seguirem no direito à cidade: como a criação de ciclovias, diminuição da velocidade dos veículos motorizados dentro do espaço urbano para redução a zero do riscos de acidente e morte no trânsito, educação para motoristas e ciclistas sobre convivência no trânsito, ofertar preferência aos pedestres, porque na hierarquia de fragilidade são os que estão mais vulneráveis, repensar modos de trabalho e condições financeiras para que as pessoas não precisem se deslocar diariamente de um extremo ao outro na cidade (NAKAMORI, 2016). São muitas as questões emergidas em termos sociais no que toca a experiência do pedalar, porque não seria justo apenas dizer sobre suas sensações numa escala individual, mas ao ampliar essa escala de experiência em termos comunitários, vemos que esses corpos em experiência não estão sozinhos, estão em convívio, para problematizar essa falsa dicotomia entre indivíduo e coletivo, e objetivo e subjetivo (COSGROVE, 2004). O mesmo corpo que pedala e que experiencia isto, sendo afetado, é um corpo que está em coletividade, que soma num tecido comunitário e social, portanto em alteridade, e afecção com todos os demais corpos.

Um corpo que está nessa experiência, promovida por este objeto, engenharia fruto do século XIX (NAKAMORI, 2016), se coloca em disputa de território com outros veículos motorizados. Esta mesma engenhoca do século retrasado, tão sofisticada em sua fórmula, vem ganhando novos designs, formatos e finalidades de uso tão diferentes. Pessoas do proletariado a usavam e seguem usando para economizar dinheiro com transporte em muitos casos, outras pessoas de outras camadas sociais, ostentam suas bicicletas como forma de se diferenciar socialmente em seus momentos exclusivos de lazer. Há bicicletas mais caras que carros, outras que são reaproveitadas ao longo dos anos, sendo revendidas inúmeras vezes. Se popularizaram na Inglaterra antes do final do século XIX e início do século XX como meio de transporte para trabalhadoras e trabalhadores chegarem aos seus locais de trabalho. Foi meio de empoderamento de grupos feministas na Inglaterra e na França no século XX porque era usada por mulheres, que demandaram mudanças no vestuário, e que possibilitavam autonomia nos deslocamentos nas cidades. Também foi, e segue, como artigo de luxo para grupos elitistas. A chegada da bicicleta no Brasil no final do século XIX e início do século XX, tanto era objeto de fetichização dos mais ricos ao se referirem às elites europeias em seus momentos de lazer, como também serviu de meio de transporte para a população mais pobre e para realização de serviços como os de correio, entregas de bens e mercadorias. Uma realidade que mudou muito em certos aspectos e se manteve em outros, mesmo depois de ter passado mais de um século, mas isso veremos mais adiante, sobre as questões em torno do trabalho com as bicicletas na contemporaneidade.

Ao se fazer esse “elogio a bicicleta” não se oblitera os problemas que o uso desse modal tem em sociedade, que dependendo dos contextos sociais e econômicos há uma inviabilidade de usar, devido às distâncias, ausência de estrutura e segurança viária, dificuldades impelidas pela topografia, e condições climáticas. Apesar do tom idílico de evocar a experiência sensorial de pedalar, há uma convocação em conjunto para a contradição, porque há um desejo e manifesto para que todas as pessoas tenham o direito a experimentar isto, e não como raridade em seus cotidianos, mas como uma possibilidade real e acessível. Mas se compreende que isto requer uma reconstrução mais ampla e profunda dos modos de produzir a vida.

Caminhos artísticos para o fazer acadêmico: a prática como pesquisa.

Ao trazer os Percursos Afetivos para pesquisa acadêmica, como parte fundante do processo de doutoramento de um dos autores desse texto, não era o caso, mais uma vez aqui explicitado, de fazer da performance artística e seus resultados o “objeto” a ser analisado. E sim, o dispositivo como caminho, metodologia de mediação, de estar em pesquisa, de estar em experiência de escuta e narrar, e posteriormente para a escrita, trazer em linguagem de quem conta essa qualidade e atmosfera das

histórias e geografias. Há uma postura, um jeito imbuído na narração, e as palavras quando transpostas para o texto escrito podem seguir, em certa medida, esse tom de quem conta.

Ao longo dos caminhos pedalados se pode ver o traçado dos percursos marcados pelas rodas das bicicletas, acompanhar essas *corpografias* (MATHIAS e FILHO, 2020) geradas por esses corpos pedalantes em suas escritas espaciais, que traz o pedalar como um gesto marcador desta cartografia sensível e narrativa para narrar essas geografias. A bicicleta quando pedala marca seu trajeto no mundo, seus percursos são marcados ao longo do caminho, não fisicamente apenas, mas pela sensação e experiência, salientadas pelo dispositivo. A prática artística se torna um gesto de cartografar o percurso, na expansão do que engloba a cartografia narrativa e sensível gerada imaginariamente por quem atravessa e percorre os lugares-paisagens pedalando ouvindo as histórias, em concomitante gesto de imaginar. Pedalar como um gesto cartográfico no convite para além de um corpo marcado pelo hábito, na transposição e superação disso, em consciência e abertura de sentidos, apto para se estar no mundo, num convite para além de si mesmo, mas para uma participação ativa e cívica.

E há a criação geoartística em si, que também ganha a materialidade por três possibilidades: a performance em si mesma, e as cartografias sensíveis e narrativas através de um mapa e um texto literário ficcionalizando as geografias das histórias contadas ao longo do percurso.

No entanto, parece ingênuo e superficial a leitura de que ao falar dos percursos afetivos de histórias e geografias, está a se tratar de ficcionalizar para romantizar alienando a complexidade dos fatores e marcadores culturais, sociais e econômicos que compõem essas narrativas. Ao lidar com as histórias de vida e as geografias contra-hegemônicas e marginais, abre-se a possibilidade de encarar, lidar e apontar em coletivo com complexidade que o que está em torno das questões sociais, coletivas e também existenciais dos modos de vida na atualidade

Considerações finais:

Mais do que utilizar o dispositivo como um “instrumento”, o que o simplificaria e até mesmo poderia fazer com que o reduzisse a um caráter utilitarista, para dar uma finalidade a um projeto artístico, o que interessa aqui, em oposição a isso, são os caminhos possíveis e geradores de conhecimento a partir, e por que não, com a prática artística. Em acordo com a ressalva que Elise Olmedo e Sarah Mekdjian (2016) e Ciane Fernandes (2015) também fazem nesse sentido. Apesar das duas primeiras autoras estarem em campos de conhecimento diferentes da terceira, as três em suas investigações apontam os riscos de instrumentalizar o processo criativo ou mesmo a prática artística, como um meio, ou como um objeto para ser analisado a posteriori, ou como algo que precisa ou será superado com a arguta objetividade científica. Não é aqui uma defesa contra a necessidade da objetividade científica,

porque sim é necessária para muitos caminhos e processos de investigação. Mas a produção de conhecimento pode ser diversa como bem nos aponta Bordieu (1998) e mesmo o Larrossa (2015) quando nos lembram que há outros caminhos que também precisam ser considerados e estes têm suas próprias linguagens. Estes autores nos lembram de processos de aprendizagem e produção de conhecimento em que o corpo é um conhecido e antigo mestre, condutor nas manualidades, guia em danças e cantos, em técnicas em que ao estar apenas junto a alguém imitando ou não, observando, permitindo repetir, errar e acertar. Vide o exemplo de Olmedo e Mekdjian (2016) com as mulheres imigrantes e refugiadas em Grenoble ao bordarem seus mapas. Há uma sensível “fala” ali que transpõe a possibilidade de um diálogo convencional através de uma entrevista. Aquelas mulheres não se sentiam confortáveis para conversar com estranhos ao seu convívio. Bordar foi um abre alas para uma possibilidade de conversa para além das palavras, um encontro com trocas e ensinamentos aprendidos pelo gesto, pelo olhar, pelo consentimento. E o quanto que a experiência demanda suas próprias linguagens (LARROSSA, 2015). Do mesmo jeito, que o projeto Percursos Afetivos, enquanto dispositivo artístico, se torna dentro da pesquisa parte fundante do que é a prática como pesquisa, ao promover modos de fazer a pesquisa, embebidos do processo criativo e sensível. Pedalar pela cidade para narrar as experiências espaciais desses corpos em movimentos, desses corpos em experiência, que são corpos pedalantes. O modo de escutar a cidade em cima de uma bicicleta, promove uma escrita atravessada pela filosofia do pedalar, que encarna uma maneira de estar no mundo. Desta forma, esses processos podem corresponder a uma parte das inquietações trazidas por Lindón (2012), ao convocar às narrativas dos mundos vividos, na escala do corpo, para tatearmos, e quem sabe responder, às crises da(s) geografia(s). Nada está garantido. Nada já está pronto e dado, e há necessidade de construção para novos caminhos também.

Referências bibliográficas:

- AUGÈ, Marc, *Elogio de la bicicleta*, Barcelona, Gedisa, 2009
BENJAMIN, Walter, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Vol. 1. *Obras Escolhidas* (S. P. Rouanet, Trad.; 8ª ed). São Paulo, Brasiliense. 2016
BERQUE, Augustin. *La pensée paysagère*. Bastia: Éditions Éoliennes, 2016
BONDI, Liz; DAVIDSON, Joyce; SMITH, Mick. Introduction: Geography's Emotional Turn. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (Orgs.). *Emotional Geographies*. Farnham: Ashgate, p. 1-16. 2007.
BORDIEU, Pierre. *Meditações Paschoalinas*. Oeiras, Celta Editora, 1998
BYRNE, David. *Bicycle Diaries*. Londres: Farber and Farber, 2009.
CAMPOS, Carlos Eduardo Cinelli O. de, *Percursos criativos e geográficos para a Arte de Contar Histórias: uma perspectiva geográfica para as histórias contadas* p 567-579. in *ANAIS DO IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E V SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA, LITERATURA E ARTE - uma interface entre Geografia, Turismo, Literatura e Arte: entre viagens reais e imaginárias*, Rio de janeiro, 2020

- CAMPOS, Carlos Eduardo Cinelli O. de; TORRES, Marcos Alberto, *Entre as geografias narradas e os imaginários geográficos*, p.175 - 208 in *Geografia e Arte* org por Alessandro Dozena, Editora Caule de Papiro, Natal, 2020.
- CAMPOS, Carlos Eduardo Cinelli O. de; TORRES, Marcos Alberto, *Entrelaçamentos artístico-geográficos: por uma geografia das histórias contadas* in Nós: Caderno do I Congresso Internacional Estudos da Paisagem (2021): anais patrimônio em silêncio / [organizado por]: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem ; projeto gráfico: Suzany Marihá Ferreira Feitoza e Ana Karolina Barbosa Corado Carneiro. – Maceió: Edufal, 2022. E-book. 1.699 p: il.
- CÂNTIA, Aline & CHAGAS, Fernando. *Narração Artística: modos de fazer* / Organização de Aline Cântia e Fernando Chagas. Belo Horizonte, AbraPalavra, 2021
- COSGROVE, Denis. A geografia está por toda parte, In: CORRÊA, Roberto Lobato; HOSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2004.
- CRUZ, Hugo Alves da, *Práticas artísticas, participação e política*. Porto, Edições Colibri, 2021.
- DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Cidade: Perspectiva, 2015.
- FABIÃO, Eleonora. *Programa Performativo: o corpo em experiência* in Revista do LUME – Núcleo Interdisciplinar em Pesquisas Teatrais – UNICAM – nº 4 – 2013.
- FERNANDES, Ciane, *Quando o Todo é mais que a Soma das Partes: somática como campo epistemológico contemporâneo* Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 9-38, jan./abr. 2015.
- HAWKINS, Harriet. Creative Geographic Methods: Knowing, Representing, Intervening. On Composing Place and Page. *Cultural Geographies*, vol. 22, no. 2, 2015, pp. 247–68
- HOLZER, Werther, A Geografia Humanista: uma revisão in Espaço e Cultura, UERJ, RJ, Edição Comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.
- JORGE, Francisco, PEREIRA, Nelson, TOMAZ, Daniela, Há Cultura! Cultura para todos – Coordenação editorial Município de Vila Nova de Famalicão e MEXE Associação Cultural, Famalicão, Tipografia Mota & Ferreira, 2022.
- KOZEL, Salete. Mapas Mentais: Dialogismo e representações. Curitiba: Appris editora, 2018
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.
- LINDÓN, Alicia. *Geografías de lo imaginário o la dimensión imaginaria de las geografías del Lebenswelt?* In: Alicia Lindón e Daniel Hiernaux (Org.), *Geografías de lo imaginário* (pp. 66-86), Anthropos. 2012
- MARANDOLA Jr., Eduardo. Viagens por paisagens: experiências do sentir e do querer. Colóquio Internacional e Interdisciplinar Literatura e Paisagem: estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa; Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, na França e em Portugal, II, 2013, Rio de Janeiro, Niterói. 2013.
- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.
- MATHIAS, A. Fernando Manteufel Fiorotti & QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. *Corpo-bicicleta e o deslocamento urbano: Relatos de um pedalar como experiência* in XII Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo São Paulo, Lisboa, 2020. <http://dx.doi.org/10.5821/SIIU.10174>
- MEKDJIAN, Sarah & OLMEDO, Élise. *Médier les récits de vie. Expérimentations de cartographies narratives et sensibles* in Mapped Monde Numéro número 118 · Articles · 07/2016 <http://mappemonde.mgm.fr/118as2/>
- NAKAMORI, Silvana,, Diretrizes para a elaboração de política pública de ciclomobilidade: experiências do Programa Ciclovida da UFPR/ Silvana Nakamori, José Carlos Assunção Belotto, Antônio Gonçalves de Oliveira. – Curitiba: PROEC/UFPR, 2016.
- PEREIRA, Juliana Cristina, Cartografias Afetivas – paisagens/passagens in Ecologias Inventivas: experiências das/nas paisagens, org. Leandro Belinaso Guimarães - Aline Gevaerd Krelling - Juliana Cristina Pereira - Karina Rousseng Dal Pont (Orgs), p. 45 – 55, Editora CRV, Florianópolis, 2015.

SAUER, Carl O. *A Morfologia da paisagem*. In: *Paisagem, tempo e cultura*. (Orgs.) CORRÊA, Roberto, HOSENDAHL, Zeny. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998, p. 12-74

SILVA, Marcia Alves Soares da, *O eu, o outro e o(s) nós: geografia das emoções à luz da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e das narrativas de pioneiros da igreja messiânica mundial*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Curitiba 2019.

SILVA, Joseli Maria, Contos de ‘corpos como espaço’ e o desafio de transformar as vidas precárias em vidas vivíveis, in *Espaço e Representações: acordes de uma mesma canção*, org. Salete Kozel, Marcos Torres e Sylvio Fausto Gil Filho, p. 401 – 415, Compasso Lugar Cultura, Porto Alegre, 2022.

SOUZA JÚNIOR, Carlos Roberto Bernardes de, ALMEIDA, Maria Geralda, *Geografias criativas: afinidades experienciais na relação arte-geografia* in *Sociedade e Natureza*, v.32| p.484-493| 2020|. | Uberlândia, MG

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte e São Paulo: Autêntica, 2018.

TIERNO, Giuliano (2017). Ensaio com a praça pública ou sobre o conto nas cidades complexas. In G. Tierno e L. Liesenfeld (Orgs.), *Narra-te cidade. Pensamentos sobre a Arte de Narrar Histórias hoje* (pp. 19-36). A Casa Tombada Edições.

TORRES, Marcos Alberto, *Os sons que unem: a paisagem sonora e a identidade religiosa*, Tese de doutorado Programa de Pós -graduação em Geografia UFPR – Setor de Ciências da Terra, Curitiba, 2014.

WRIGHT, John, *Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia / Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography* – Revista Geograficidade, volume 4, número 2 2014.